



NA PRAIA DAS MAÇÃS: OLHANDO O MAR (Cliché de Frederico Buendia)

N.º 339 Lisboa, 19 de Agosto de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL COLÓNIA

Ilustração

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Edito: JOSE JOUBERT CHAVES



A ALIMENTAÇÃO DAS CRIANÇAS

Apezar do grande numero de preparados que hoje em dia se apresentam no mercado para alimentação das crianças, está absolutamente provado por inumeras experiencias feitas pelos mais notaveis sabios de todo o mundo, que sómente o

LEITE MATERNO

quando puro e são permite fazer a verdadeira alimentação racional da criança.

O cuidado de todas as Mães deve ser, por isso, não administrar ás crianças laes preparados, mas sim aumental-as com leite rico, puro e são, que todas poderão possuir por meio de um tratamento racional com a

Somatose liquida

Com efeito, esta preparação, que é a **única que tem por base as albumoses da carne**, e que tem sido cognominada pelos medicos como o **glactogeneo ideal**, tomada desde algumas semanas antes do parto, fortifica notavelmente o organismo, e aumenta a secreção latea, o que permite que todas as Mães possam satisfazer o seu maior anelo: **amamentarem elas proprias os seus filhos.**

Não esqueçam pois as Mães, que só empregando a preciosa

SOMATOSE LIQUIDA

conseguirão, ao mesmo tempo que tonificam o organismo enfraquecido, ter em abundancia leite puro, rico e são.

A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS



A VARINA

Lisboa conhece-a e ama-a porque ela é trabalhadora e a acorda com os bons dias dos seus cantados pregões. Começa de pequenina na faina e para ela o trabalho não é um fardo. Fal-o alegremente correndo as ruas. Algumas tamaninas lá vão nos ranchos ao romper das manhãs, chova ou faça sol, a aprenderem o negocio, a afazerem-se á lida. Com o alguidarinho vidrado á cabeça, apregoam os tremoços. E' por isso que quasi todas principiam, ás vezes, como os varinitos dos jornaes, aos sete anos. A sua vida d'aí para o futuro será sempre de trabalho, que elas fazem n'um instinto, por uma lei ancestral que parece vir no seu sangue desde o fundo dos seculos a impelilas. Não ha rua que não tenham atravessado vendendo o peixe, a fruta, os alhos, a hortaliça, garganteando o pregão, com os chapelinhos redondos sobre os quaes pousa a sogra, na qual assenta todo o carregio. Chegam a ser pesos enormes os que transportam, que as ajoujam, ou as grandes gigas onde as pescadas jazem, as canastras das sardinhas prateadas, ou cheias de frutas de todas as estações, as peras, as maçãs, os figos lampos, que elas vendem todos os dias, de manhã á tarde, algumas ainda pela noite adiante, com as suas cestas de marmelos assados no forno. Não faz mossa o trabalho a essas mulheres, cuja unica ambição consiste em enrolarem nos pescoços os grandes cordões d'oiro ganhos com o seu suor, pendurarem nas orelhas as grandes arrecadas e dançarem duas ou tres vezes por ano nas suas romarias queridas: a Atalaia, o Senhor da Serra. Fóra d'isso a varina moureja. Quando não ha peixe, quando falha a fruta, ela não hesita: vae carregar a areia, os tijolos, o carvão nos caes.

Carreirinhos de mulheres de todas as edades, as velhinhas e as creanças, avós e mães, sobre as pranchas flexiveis das fragatas para a terra, se estabelecem com todo o tempo e, ou queimadas pelo sol ou alagadas pela chuva, continuam o seu fadario, até que á noite recolhem a comer o seu pão rude e honestamente ganho.

O casamento para elas não é uma exploração

da fêmea; é uma associação. Enquanto o marido vende os jornaes ou rema nos catraios, dirige as fragatas ou faz o seu negocio, a mulher, independente, não carecendo do braço d'ele, governa a sua vida sem um desfalecimento, sem uma queixa, sem um abalo. Manhã fóra, giga vasia, as roupinhas lavadas, o seu cordão ao pescoço, descalça pé e perna, as saias emolhadas, ela passa direita com a consciencia dos fortes, a ensaiar os seus pregões, embora não leve ainda que vender. Atraz, as pequeninas aprendem a ganhar o pão. Ainda não teem dentes e já estão destinadas áquilo e tem-se a impressão de que o seu primeiro balbucio é um vago pregão. Nos seus bairros—porque as ovarinas juntam-se, ainda n'um ancestral instinto em arruados, á maneira de colonias—às tardes de domingo, depois da venda feita, elas estão sentadas ás portas remendando a roupa, cosendo, atentas e n'um habito, para não perderem nada, aqui e ali, de porta em porta, ha a giga que póde tentar os que passam e

o alguidar dos tremoços, a caixa com as pevides, emfim, coisas que se vendem ali sem trabalho.

A sua economia eguala ao seu acao, porque aquelas peixeiras, as vendeadeiras de fruta, as mulheres de todos os trabalhos, jámais deixam de sair de casa com o seu trajo limpo.

Quando a morte passa no bairro a colonia vae em bando atraz do morto. Vê-se então passar nas ruas de Lisboa uma turba de mulheres, algumas lindas, homens e creanças vestidos de preto, que seguem um caixão, e em todas as familias ha a rapariga que leva o ramo oferecido n'uma ultima homenagem ao patricio.

Nenhuma raça mais desassombrada, mais audaz e mais trabalhadora ha no paiz; nenhuma classe de mulheres se devota tanto ao trabalho como aquela e algumas, muitas mesmo, impressionam, com taes belezas, andarem n'aquelle lidar. Teem um ar elegante, o seio bem formado, lem-



bram por vezes estatuas quando, de braços no ar, erguem a canastra, olhando para os andares, e quando se vê passar as que são assim esculpturaes e belas, pensa-se que andam pagando algum







1—Soprando a pescada. 2—Esperando o peixe. 3—Uma manhã no mercado—(Clichés de Benoliel)

Os concursos do Conservatorio de Paris

Não lograria eu, com certeza, interessar um só leitor da «Ilustração» se viesse aqui discutir as vantagens e desvantagens, os meritos notaveis e os defeitos sem concerto dos concursos annuaes do Conservatorio de Paris. São, de resto, coisas pequenas demais para que possam, a tantas leguas de distancia, fazer ainda impressão.



so d'uma carreira obscura!
Mas os concursos do Conservatorio tem por si a tradição; e uma longa tradição, sobretudo em instituições semi-burocraticas, não suporta sem uma tenaz resistencia transformações mais ou menos radicais. Mr. Poincaré, que tão valorosamente impoz ao parlamento francez a Repre-

1—Durante a deliberação do jurí, da esquerda para a direita: Bartet, Richepin, Fauré, Brissou, Bourgeat, Weber, Monnet Sully, Hervieu, Berhneim, Cia etle, d'Estournelles, Porel, Antoinne.

ção d'esses «certamens», — tudo isso desaffia a competencia e a boa vontade do melhor dos jurís, tudo isso permite subst tuir o arbitrario ao certo, o acaso á justiça. Quantos, afinal, os grandes artistas de hoje que nunca foram laureados; e quantos laureados para quem um primeiro premio de escola foi o unico suces-



2—Mademoiselle Malraison, 1.º premio de comedia.

Mas não será difficil aos senhores perceber que esses concursos só por acaso podem «bater certo», dando-nos, na seleção dos seus jurís, os nomes das celebridades d'amanhã. Trechos de prova dos mais variados, dos mais diferentes, dos mais incomparaveis, farrapos de peças classicas exhibidos sem cenario e sem traços, uma falta de criterio, de harmonia, direi mesmo de nexu na organisa-



3—Mademoiselle Gueritini, 4.º premio de tragedia

sentação Proporcional, haveria de pensar duas vezes, se quizesse investir com as velhas normas de galardoar os meritos dos futuros artistas de canto e de tragedia. E' uma tradição com seu lado de pitoresco que os sustenta. Um começo de verão parisiense sem os concursos do conservatorio pareceria um começo de verão parisiense a que faltasse qualquer coisa, qualquer coisa de necessario e insubstituivel.



4—Mademoiselle Gueritini depois do seu desmalo.



E onde, em verdade, senão ali, nos poderia ser dado admirar Oedipos de chapéu de côco, com os filhos vestidos de marinheiros ingleses; Hamlets de sobrecasaca, dizendo coisas cavas a Ofélias travadinhas; Hernanis de colete branco; Phedras com «boas» de plumas e «aigrette» no chapéu?... Sem já falar do desespero que causaria aos jovens aspirantes o desaparecimento d'essas movimentadas exibições. E' bom, de resto, premiar o trabalho e encorajar



as vocações incipientes,—como dizia o conselheiro Acacio, que mesmo aqui tem um partidão.

Parece, contudo, que os concursos d'este ano deram algumas curiosas e prometedoras revelações. Uma d'elas foi mademoiselle Gueritini, que teve o primeiro premio de tragedia. O seu trecho da racinesca «Phedra» foi dito com um raro brilho e a mais impressionante das convicções. Um desmaio após o anuncio da sua recompensa, acabou por convencer os «reporters» parisienses de que ali estava a Sarah Bernhardt d'amanhã...

Mademoiselle Malraison teve um primeiro premio de comedia e, o que não é peor, um contrato para o «Theatre Français». Valeu-lhe tudo isso uma cena de «Rafale» dita «à ravir». Outro primeiro premio de comedia coube a mademoiselle Michel, cuja alegre vivacidade já em ano anterior lhe conquistou uma mais modesta recompensa.

Os homens, n'isto—como em tudo—foram menos interessantes. «Passons»...

Quanto ao Conservatorio, ficou tendo mais uma serie de detratores—os alunos não premiados—... que aliás d'aqui a um ano podem muito bem mudar de opinião.

Paris, julho de 1912.

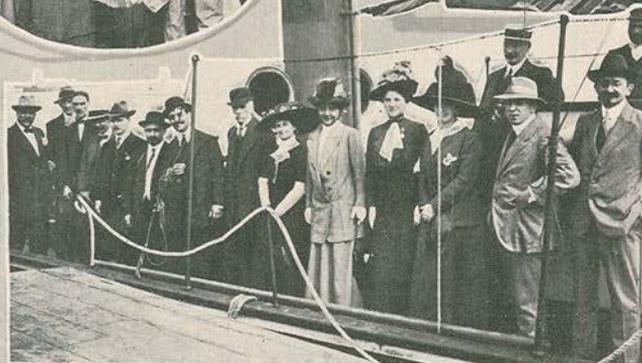
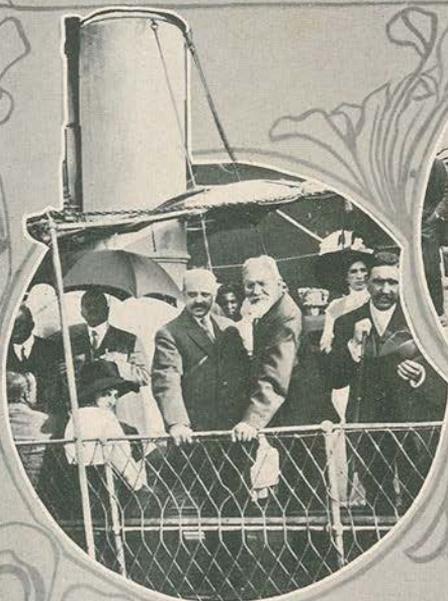
P. O.



1—O almoço da critica. Da esquerda para a direita: Noziere, Schneider, Marie Leconte, Léon Blum, de Flers, Georges Bayer, Le Senne, Aderer, Duquesnel. 2—M. de Michel, 1.º premio de comedia. 3—M. de Vorská, 1.º premio d'opera comica. 4—O almoço do juri. Da esquerda para a direita: d'Estournelles de Constan, Monnet Sully, Richopin, Antoine, Bernheim, Hervieux, Claretie, Bourgeat, Bartet, Maurice Reclus, Brisson, Perard, Fauré.

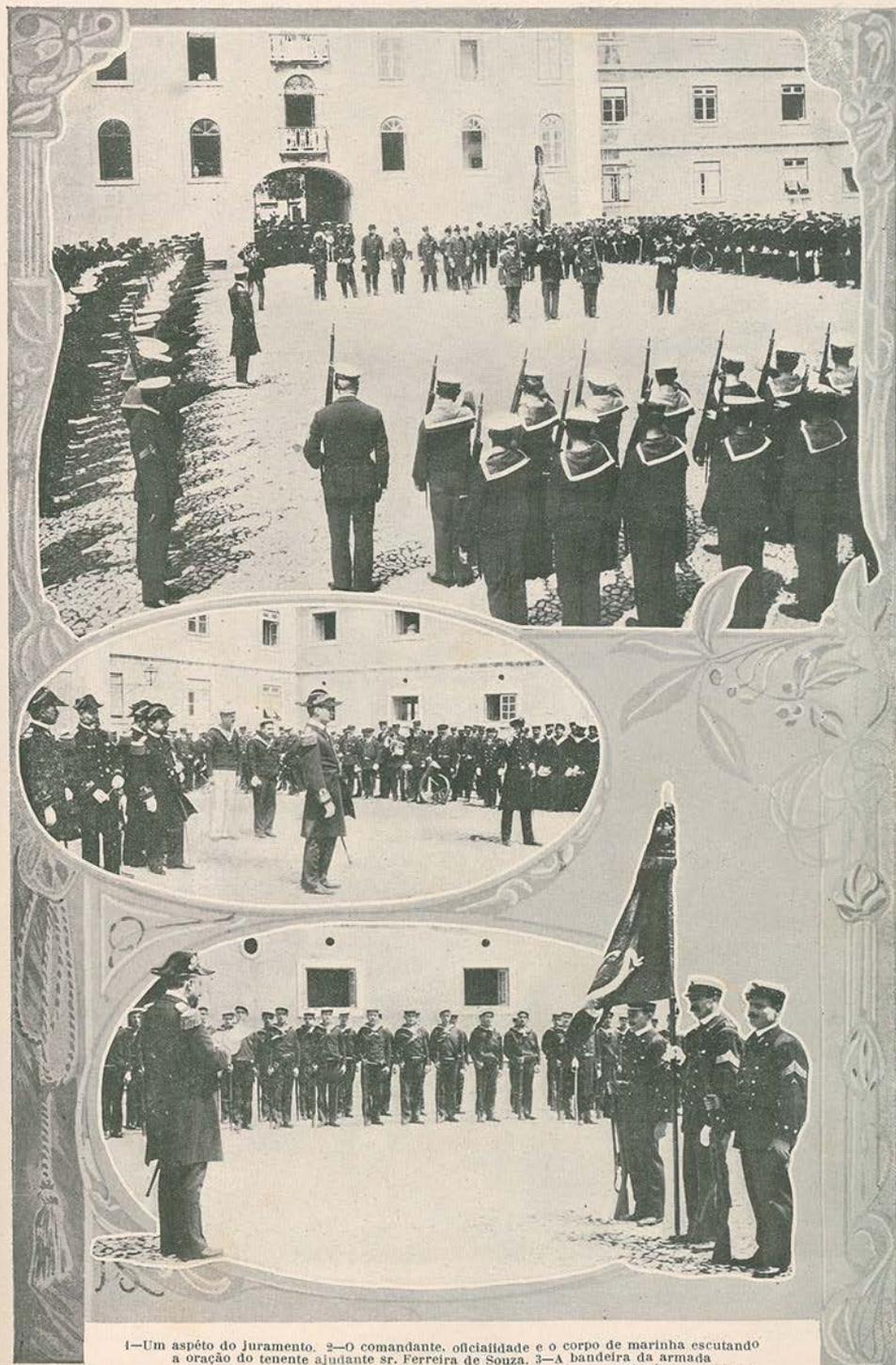


Jornalistas brasileiros em Lisboa



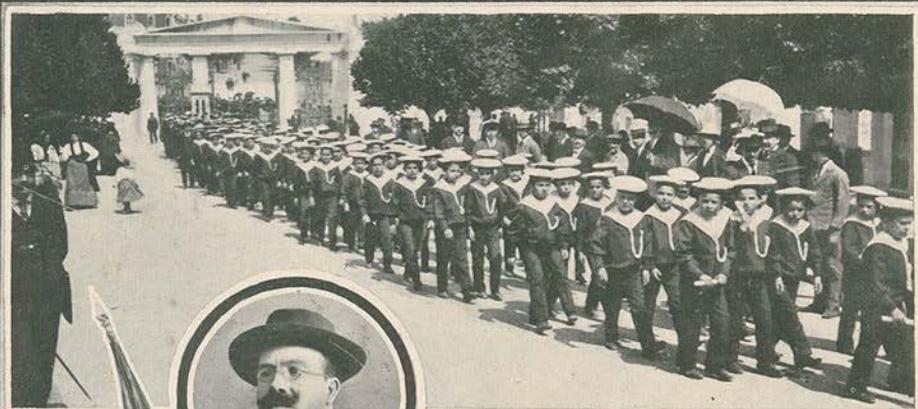
1—A bordo do «Arlanza»: O Ilustre Jornalista José Carlos Rodrigues, diretor do «Jornal do Comercio», com o sr. Belfort Ramos, secretário da legação brasileira em Lisboa. 2—No Cas do Sodré: o jornalista, sr. Julio Barbosa, acompanhado pelo sr. José Barbosa. 3—O sr. José Augusto Prestes, a bordo do «Arlanza». 4—Dr. Fontoura Xavier, novo ministro brasileiro em Madrid, que velu a bordo do «Arlanza». 5—O consul americano, com sua familia, de regresso do «Arlanza».

O juramento de bandeiras no quartel de Marinha



1—Um aspecto do Juramento. 2—O comandante, oficialidade e o corpo de marinha escutando a oração do tenente ajudante sr. Ferreira de Souza. 3—A bandeira da armada
(Clichés de Benollel)

HOMENAGEM A TRINDADE COELHO



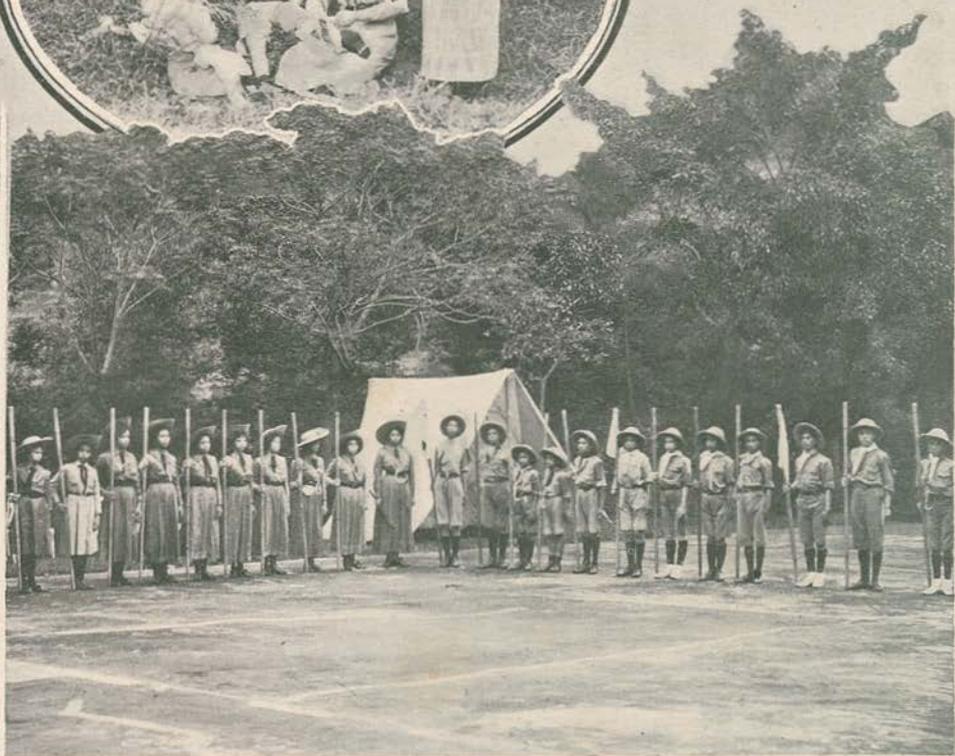
1—O dr. Magalhães Lima, discursando no cemitério dos Prazeres. 2—Alunos do asilo Maria Pia. 3—Trindade Coelho. 4—A escola Trindade Coelho no cortejo—(Clichês de Benoffel)

Scouts em Macau

O *scouting* tem provocado em todos os países as atenções do publico e dos poderes officiaes.

Em toda a parte se compreende o alto valor d'esta verdadeira escola de coragem, de disciplina e de destreza.

Em Inglaterra, na America, na Suecia, etc., os corpos de *boys-scouts* são organizações mo-



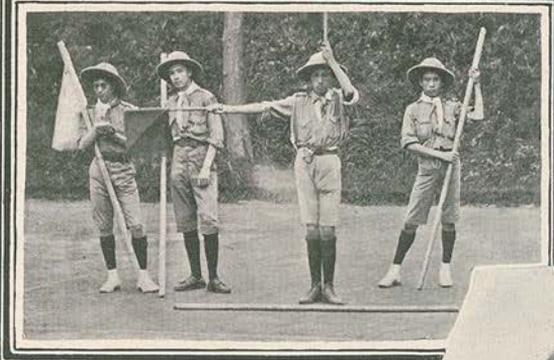
1—Prática de tiro. 2—Um acidente curado pelas «girls scouts» 3—Uma parada de «scouts»



1—Patrulha de «girls scouts» em observação. 2 e 4—Equitação de «scouts» 3—Exercícios de alpinismo.
5—Um posto de sinais.



1—Ginastica sueca dos «scouts»



2—Uma patrulha acampada. 3—Transmitindo um despacho. 4 — Patrulha de «scouts» preparando o acampamento.

delares, de onde saem mais tarde para o exercito os mais intrepidos officiaes e soldados e, o que é importantissimo, com a melhor e

mais adequada preparação. Em Portugal nada ha feito n'este sentido e o nosso publico ignora certamente como o que não se fez ainda na metropole se conseguiu já brilhantemente n'uma das colonias.

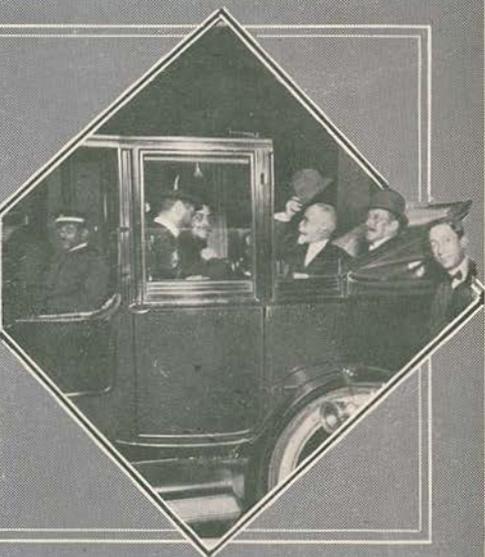
Por iniciativa do governador de Macau, 2.º tenente d'armada, sr. Alvaro de Melo Machado, organisou-se ali um corpo de *boys* e *girls scouts*, que tem causado grande entusiasmo n'aquella nossa possessão.

Damos hoje varias fotografias tiradas recentemente em Macau, pelas quaes os nossos leitores apreciarão o alto valor da iniciativa do 2.º tenente Melo Machado.

E' para desejar que se siga no continente o alto exemplo que nos dá a nossa longiqua colonia.



NO BRAZIL



1—O batizado da primeira netinha do presidente da República Brasileira. A noiva, seu avô e os convidados para a cerimônia. 2—A chegada do sr. dr. Bernardino Machado ao Brasil: O ministro de Portugal a caminho da legação. 3—As festas pelo centenário da Argentina no Brasil. No palácio Monroe: O presidente da República e o general Roca, ministro da Argentina no Rio de Janeiro.

NA AMADORA

AS FESTAS DESPORTIVAS



1—Aspêto da assistencia. 2—No meio da pista: Uma das concorrentes. 3—A entrada da corrida de patos. 4—A partida para a corrida de resistencia. 5—Um aspecto da corrida de patos.

FIGURAS E FACTOS



O Aero Club promoveu uma festa significativa, collocando na esplanada do castello de S. Jorge uma lapide a comemorar a primeira elevação do aerostato do padre Bartolomeu de Gusmão que, segundo se afirma em documentos recentemente encon-

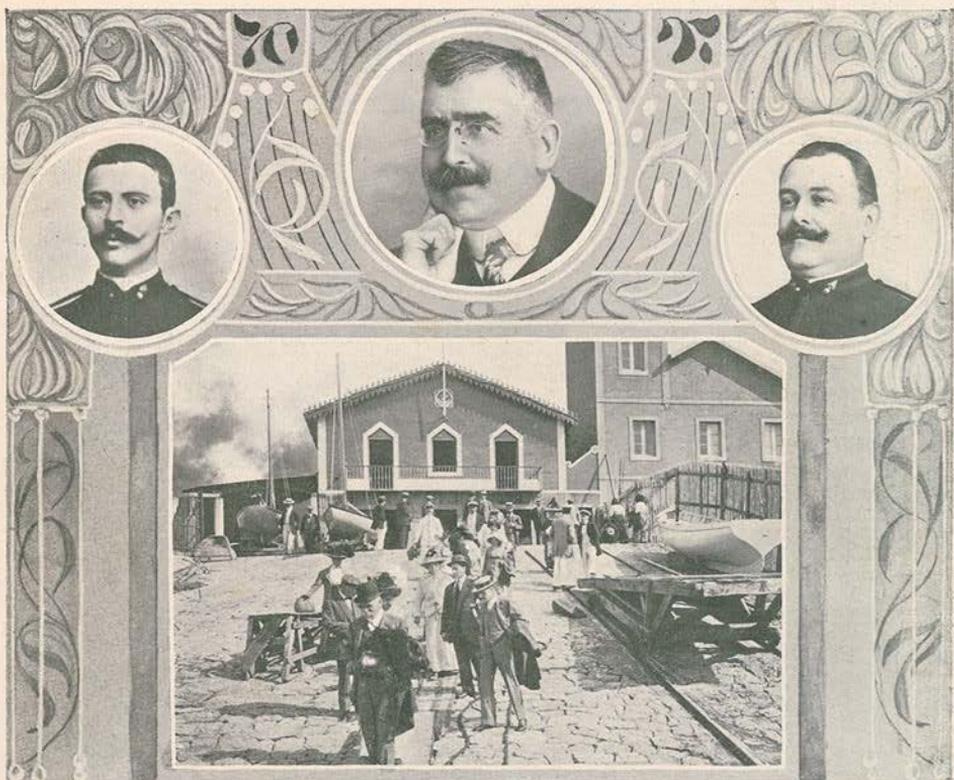
trados, d'ali partiū para um dos torreões do Terreiro do Paço.

Indiscutivelmente — e n'esta época em que já se conquistou um grande avanço na navegação aerea é necessario acentual-o — o padre Bartolomeu de Gusmão foi o primeiro homem que obteve vantagens com um aparelho d'este genero e foi, sem duvida, o inventor dos balões, gloria que a França quiz fazer recair sobre os irmãos Montgolfier.

Na cerimonia, a que presidiu o ministro da guerra, usaram da palavra, além do presidente do Aero Club e outros, o sr. Veloso Rebelo, encarregado de negocios do Brazil, patria de Bartolomeu de Gusmão, mostrando toda a grandeza do seu maravilhoso invento.



1—O sr. Veloso Rebelo, encarregado de negocios do Brazil, com o sr. ministro da guerra e coronel Orlando Oliveira, presidente do Aero Club. 2—A presidencia da mesa na inauguração da lapide. 3—O corredor portuguez Francisco Lazaro ◊, morto em Stockolmo quando disputava a corrida. Aspêto da corrida, vendo-se a frente o nosso malogrado compatriota



1—Dr. Sidónio Paes, recentemente nomeado ministro de Portugal na Alemanha. 2—Sr. Eduardo Noronha, autor do livro «Passado». 3—O general António Gilot Pereira, falecido em 11 de agosto. 4—A volta do passeio do Club Naval ao canal da Azambuja. 5—A partida de Magalhães Lima para o estrangeiro: As crianças da escola do Registo Civil e alguns amigos do grande jornalista na gare do Rocio—(Cliché de Benolle)

DEIXO DA SERRA

Poesia extraída do livro «Terras da Beira»



As Azenhas têm voz
e coração para amar:
—olhai o zumbir das mós!
—como é forte o palpar!

E a'ta noute os Castanheiros,
verdes ramadas no espaço,
vam subindo p'los outeiros
a envolvê-las n'um abraço...



O distinto poeta José Moura
«Terras

telro, autor do livro
da Beira»

Aguas brancas, branca espuma
por sobre as rodas cantando,
suas paixões, uma a uma,
vam pela Serra levando...

E é vêr o prodígio, então!
E' vêr o' amor que os inflama!
—Cada ouriço é um coração
a palp tar d'entre a rama!



3—As alunas da escola de Barbacena que ofereceram a sua fotografia á «Ilustração Portuguesa».

As escolas de Barbacena tem uma grande frequência, que sempre vae aumentando de ano para ano.

Na do sexo masculino, que o distinto professor sr. Eduardo Dias Ferreira dirige, andam 102 alunos; na do sexo feminino, regida pela distinta professora sr.ª D. Ermelinda Gonçalves, 102 alunas, tendo-se demonstrado bem o seu valor nos exames realizados com exitos consideráveis.



2—Tenente sr. Julio Cesar Iglesias, comandante do posto fiscal de Vinhaes, onde exerceu ativa vigilancia por ocasião da incursão. 4—Os alunos da escola de Barbacena, que ofereceram a sua fotografia á «Ilustração Portuguesa».



1—O povo assistindo ao juramento dos recrutas, no Largo 3 de Outubro.
 2—No juramento dos voluntários: O sr. dr. Afonso Costa com o general de divisão, no 4.º plano e sr. dr. João de Deus Ramos, governador civil.

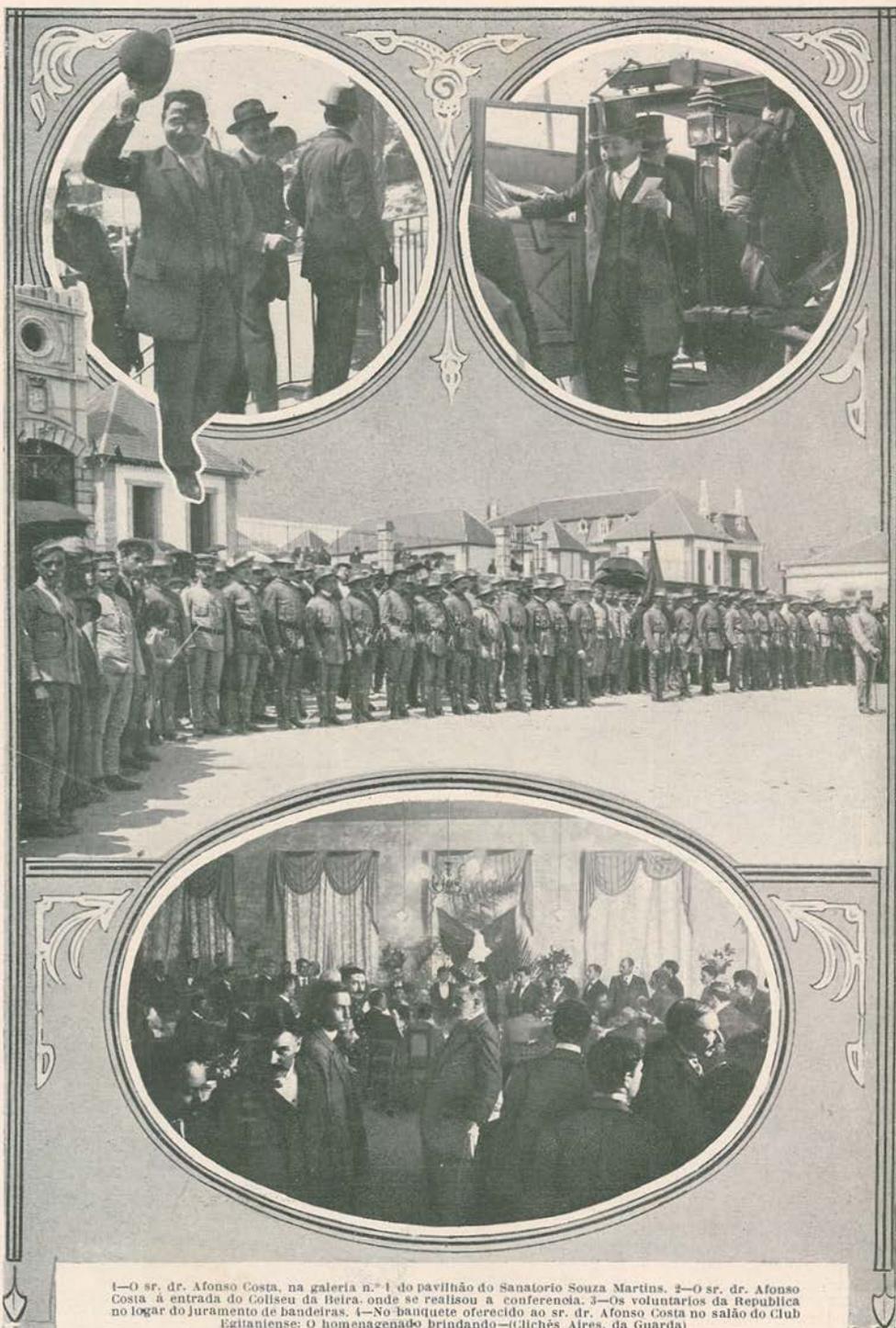
tiu também ao juramento de bandeiras dos voluntários da Guarda, visitou o Sanatório e outros edifícios, viu algumas curiosidades locais, sempre acompanhado pelas pessoas mais em evidência na política da cidade e em toda a parte foi recebido com aclamações. No Coliseu da Guarda, realizou uma conferência que foi aplaudidíssima.

3—O sr. dr. Afonso Costa no sanatório Sousa Martins, ao dirigir-se para o juramento

O sr. dr. Afonso Costa, na sua passagem na Guarda, ao dirigir-se para a sua linda vivenda da serra da Estrela, foi alvo de grandes manifestações, tendo-lhe sido oferecido um banquete, onde se fizeram discursos entusiásticos.

O ilustre estadista assis-





1—O sr. dr. Afonso Costa, na galeria n.º 1 do pavilhão do Sanatorio Souza Martins. 2—O sr. dr. Afonso Costa á entrada do Coliseu da Beira, onde se realizou a conferéncia. 3—Os voluntarios da Republica no logar do juramento de bandeiras. 4—No banquete oferecido ao sr. dr. Afonso Costa no salão do Club Egitanense: O homenageado brindando—(cliches Aires, da Guarda)



Depois do «pic-nic», na Figueira da Foz, na quinta de Yale de Murta, oferecido pelos rapazes da colônia portuguesa às senhoras-hespanholas e suas famílias e em cujos bailes e descantes se distinguiu a senhora Maria Torres, tendo tomado parte na festa as gentis senhoritas: Maria Pilar e Para de Delgado Torres, Delfina, Marina, Helena, Izabela, Matilde, Henriqueta e Amalia Muquíz, Carmen, Pilar e Concha Muñoz, Nicolasa Paca, Maria Pauler, Leonor e Pepa Madroñero, Mercedes Aguas, Augustina Castillo, Berigida e Pilar de Miquel, Carmen Mosquera, Ventura Conejos, Matilde Nicolau e as sr.^{as} D. Maria, D. Rosa, D. Alla Aguas e D. Lúcia Alves.—(Cliché da fotografia Gonçalves e Montelro)

Sport

O hipismo vai tendo em Portugal um grande desenvolvimento, podendo os nossos cavaleiros collocar-se a par dos estrangeiros, a quem já tem disputado e ganho em apostas, em concursos e em corridas. Lisboa iniciou este sport com o hipodromo, ha muitos anos, e ressuscitou-o com concursos no campo da Tapada e logo em Palhavã, onde tem sempre a retribuição de festas verdadeiramente sensacionais.



1—O tenente sr. Silveira Ramos, saltando no «Star». 2—O tenente sr. Luiz Faro, que recebeu o 2.º premio, no cavallo «Grito». 3—O concurso hipico em Coimbra: O sr. Jara de Carvalho, no seu cavallo «Jari», que ganhou o 1.º premio. (Cliché Nery Ladeira).



No Porto tambem na um vasto campo de corridas e Coimbra possui tambem o seu, onde agora se realisou um brilhante concurso em que tomaram parte cavalos adextrados e montados por officiaes do exercito, conhecidos pelo seu valor n'este genero de exercicios.

O aparelho que o sr. Migliorino de Bilancourt inventou permite nadar com a velocidade de 10 quilometros por hora e compõe-se d'uma barra de 2 metros, na qual se vae pedalando e que faz mover uma helice, sendo d'uma grande utilidade e tendo causado um verdadeiro successo,



4—Um novo aparelho de nadar, inventado por Migliorino de Bilancourt. 5—O aparelho em ação. (Cliché Deilus).

quando das suas experiencias, cujas fotografias publicamos.

ECOS DA INCURSAÇÃO



1—1.º pelotão da 3.ª companhia do regimento de infantaria 5, do comando do tenente Virgílio da Costa, destacado em Celorico de Basto, onde prestou grandes serviços. Ao meio o tenente, tendo à sua esquerda o subalterno Fernando Lara Reis, 1.º sargento aluno da Escola de Guerra. (Cliché do sr. Carlos Dá Mesquita).



2—Sr. Manuel Inácio Lima, secretario da administração do concelho de Celorico, que em 6 de Julho foi a pé a Amarante declarar que se fizera a implantação da monarquia na vila e pedir forças para atacar os realistas. 3—Abade Joaquim Coutinho de Sousa, da freguezia de S. Miguel dos Gêmeos, do concelho de Celorico, o unico que n'este concelho aceitou a pensão, tendo sido sempre liberal. 4—Vinhaes: Soldados da guarda fiscal que, sob o comando do tenente Iglesias, fizeram serviço na raia.



1—Sr. Luiz Leite Duarte, chefe da estação telegrafo-postal de Cabeceiras de Basto, que, acompanhado do distribuidor sr. Manuel Pereira Dias, seguiu na madrugada de 6 com o malgrado administrador Mendonça Barreto para restabelecerem as linhas cortadas pelos revoltosos, como o não podessem conseguir no meio do vivo tiroto d'estes e porque, mal os postes se levantavam e se perdiam de vista,

estavam logo em terra, regressou ao seu posto e a defender a estação.

2—Sr.^a D. Rosalina Leite Duarte, irmã e ajudante do chefe de Cabeceiras de Basto, que tomou corajosamente o seu lugar, enquanto elle andou a ver se se restabeleciam as comunicações telegraficas. Passavam-lhe por cima da cabeça as balas dos revoltosos, que tentavam destruir a estação e inutilisar o telegrafo.
3—O padre Julio Cezar, de Rulviães, quando em Portugal.

4—O padre Julio Cezar, de Rulviães. (Fotografia tirada em Hespanha, onde era official de Couceiro). 5—Grupo de soldados de infantaria 16 que estão em Cabeceiras.

A conspiração realista estava organizada em varias terras do paiz com os elementos clericais, que tinham induzido e aliciado camponios. Mas onde isso mais se marcou foi nas terras de Bas-



to, explodindo odios e fazendo-se combinações terríveis.

O grupo do padre Domingos, agora foragido, era o que se salientava nas conjuras, tendo condemnado á morte alguns republicanos e chegando a pôr em pratica as suas deliberações com o fuzilamento do malgrado administrador do concelho, Mendonça Barreto, e com as tentativas contra outros que foram azeijados, chegando um d'eles a ficar gravemente ferido.

N'outros pontos do paiz, conforme se vaé descobrindo, havia combinações do mesmo genero.



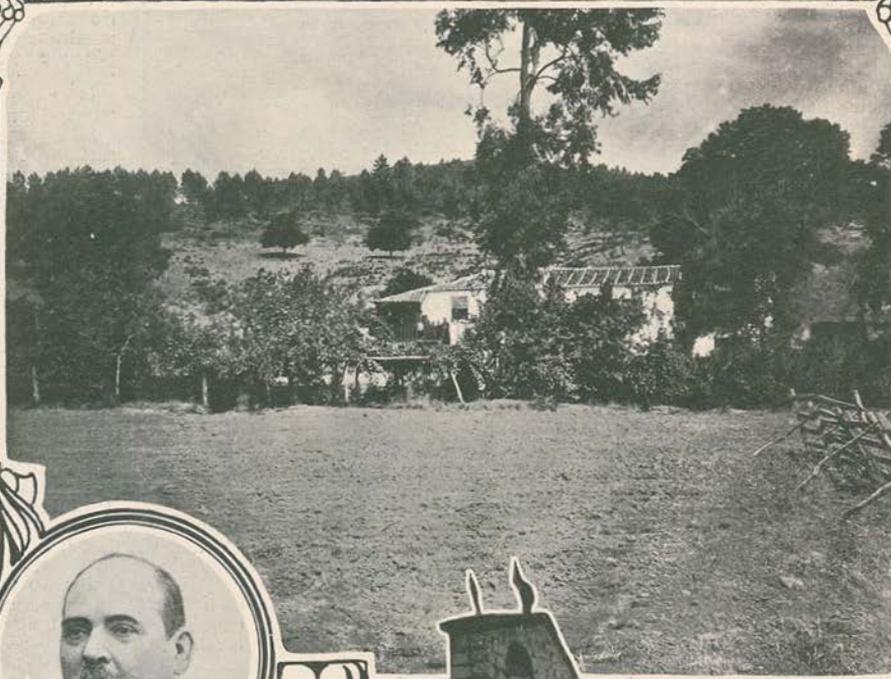
1—Grupo de cabecilhas realistas em Hespanha: 1 tenente Montanha, 2 alferes Campos



2—Grupo de sargentos e cabos do batalhão de infantaria 12, que estiveram nos postos avançados em Pinhel e Val-Verde. (Fotografia obsequiosamente oferecida pelo tenente ajudante de infantaria 12, sr. Francisco de C. Henriques). 3—Grupo de republicanos de Cabeceiras condemnados á morte pelo grupo do padre Domingos: 1 sr. Ernesto P. E. Basto, 1.º cabo de cavalaria 11; 2 sr. Albano Maciel, escrivão do 2.º officio; 3 sr. Manuel Dourado, regedor de Rio d'Ouro; 4 sr. Bernardino Pereira Leite Basto, secretario da Câmara; 5 sr. Alfredo Semêdo, farmacêutico; 6 sr. Januario Pereira Leite Basto, 1.º cabo de infantaria 2 e presidente da comissão parochial de Refoyos; 7 sr. Antonio Gracio Ferreira, professor de Refolos.

VALHÊLHAS

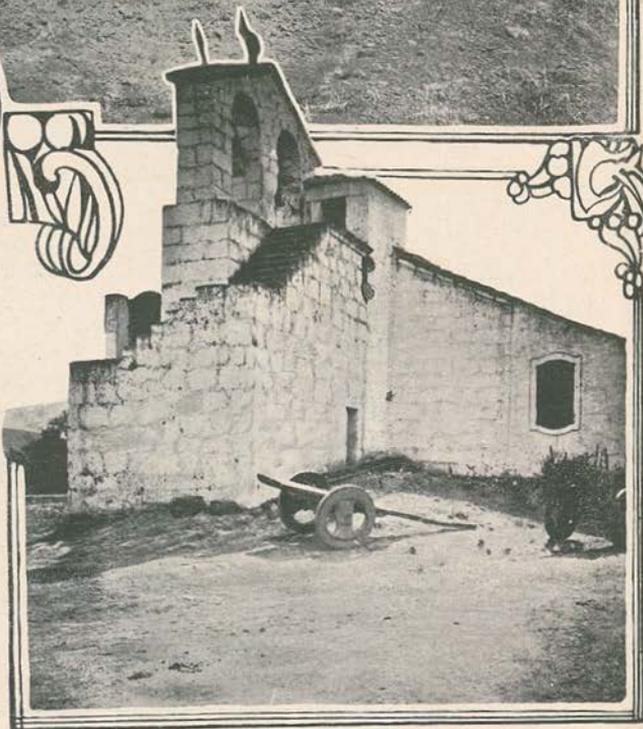
Uma linda terra á beira do Zézere



1—Vista d'uma parte da quinta da Sobreira, na margem esquerda do Zézere. 2—O senador sr. dr. José de Castro, o mais desvelado amigo da vila. 3—O campanário da igreja de Valhêlhas.

A MINHA TERRA

Falar d'ela é evocar todo o meu passado distante; é lembrar os que me foram caros e que já não existem; é representar na mente as arvores, o rio, os vales, as montanhas que constituem a sua natural beleza, cuja imagem se me fixou na memória como se fora em chapa fotografica. A egrejita branca, as casitas do povoado, o castelo, envolvido em érás, hoje destruido, as velhas inscrições a atestarem a sua remota origem, o seu proprio abatimento atual, tudo isso me aparece como se fora um quadro. O do famoso pintor Veloso Salgado dá uma ideia aproximada d'essa parte panoramica. E aquela recordação, a um tempo doce e risonha, melancolica e dolente, triste e maguada, impele-me muito natural-



A vila de Valhêlhas fica situada na margem esquerda do Zézere, na base de um dos contrafortes da Serra da Estrela. Denominava-se Valecula no tempo dos Romanos. Depois no hespanhol e antigo portuguez, Valêlhas, vindo a transformar-se em Valhêlhas. Fazendo parte do reino de Leão, foi destruida nas invasões da Idade Media. Foram-lhe concedidos fornes por D. Sancho I, Afonso II e D. Manuel, respectivamente nos anos de 1188, 1217 e 1514. Pertenceu aos Templarios, depois á Ordem d'Aviz, a D. João de Castro e seus descendentes e mais tarde ao Conde de Castelo Melhor. Tinha castelo, ha poucos anos destruido, e um mosteiro de franciscanos denominado «Bom Jesus de Valhêlhas», cuja casa ainda existe, fundado por D. Rodrigo de Castro (1680).



mente a procurar melhorar as condições da sua existência, levantando-a do seu abatimento material e moral, proporcionando melhor estar físico aos seus habitantes e elevando-a por meio da instrução. É uma aspiração justa. N'este intuito me vejo felizmente auxiliado pelo governo da Republica. Esse povo, envolvendo o seu velho pelourinho, símbolo de independencia municipal, festeja a chegada da agua que ha de alimentar o chafariz que vae construir-se. Em breve festejará a construção do edificio da nova escola para os dois sexos.

A' sombra da gloriosa bandeira da Republica a minha terra, como de resto todo o Portugal, resurge para a vida e para o progresso.

Amemos, pois, a Republica para engrandecimento da Nação, conjunto de todas as patrias, pequenas ou grandes, onde nascesmos.

JOSÉ DE CASTRO.



1—Um trecho das ruas em festa. 2—O extinto convento de Bom Jesus de Valhêlhas, mandado edificar por D. Rodrigo de Castro. 3—O povo da vila de Valhêlhas festejando o melhoramento da agua encanada para a praça: as creanças das escolas junto ao pelourinho. A' direita a casa da Camara.

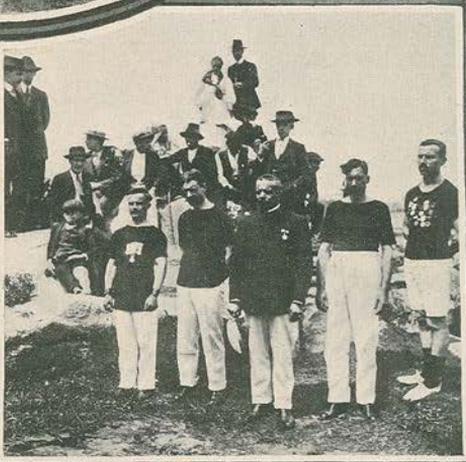
Consta que tivera um convento de beneditinos, de que ainda existem vestigios. Misericordia e Hospital. A pequena distancia da vila, sobre o rio Zezere, ha uma bela ponte de pedra, construida no tempo de Filipe III (1630). Sofreu muito com a invasão franceza, sendo roubados muitos objetos de ouro e prata que possuía a igreja.

(Extrato da monographia da Vila de Valhêlhas, em via de publicação.)

A exposição de Dalias na Sociedade de Agricultura



A REGATA NO PORTO



1—O escaler anunciador da 1.ª corrida. 2—Um aspeto do rio à volta dos concorrentes ao local da partida. 3—O desembarque.
4—Equipe do Club Fluvial Portuense. 5—A equipe do Club Vilacondense. (Clichés Alvaro Martins)

Os caixeiros de Lisboa

EXCURSÃO DA ASSOCIAÇÃO
E DA
TUNA ÀS CALDAS

Os caixeiros de Lisboa foram às Caldas da Rainha n'uma excursão que foi encantadora.

Ha tempo que os empregados do comercio d'aquella vila desejavam que os seus colegas de Lisboa ali se apresentassem fazendo-se assim a ligação, de ha muito rojeada, entre os caixeiros de



1—A chegada às Caldas. 2—Os excursionistas na rua Almirante Reis. 3—Na Praça da Republica

todo o paiz e que se vae obtendo com estas visitas a diversos pontos. Os excursionistas foram recebidos entusiasticamente trocando-se as mais afetuosas manifestações e sendo muito brilhante a recepção que lhes fizeram.

Brevemente aquella coletividade realisarà excursões a outras terras do paiz, onde o mesmo acolhimento lhe será feito realisando assim a obra de solidariedade da numerosa classe dos empregados do comercio portuguez.



FIGURAS E FACTOS

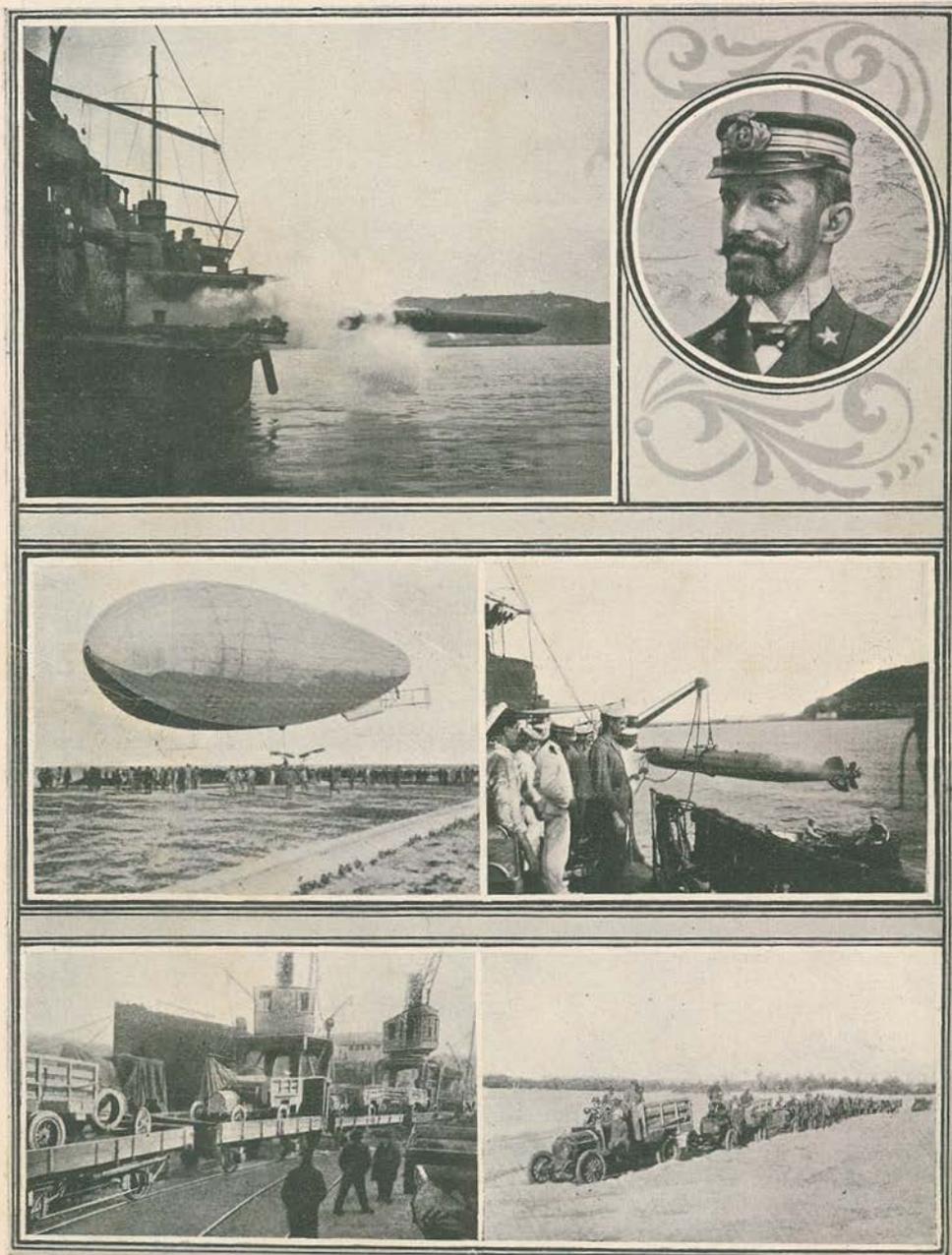


1—A excursão do grupo «Pró Patria» a Chaves. A passagem dos excursionistas, com o povo, na ponte romana. (Fot. do sr. Nicolau Mesquita). 2—Sr. Ernesto A. Saraiva, antigo colaborador do «Seculo», falecido em 6 de agosto. 3—O illustre dramaturgo Marcelino Mesquita, o autor da nova peça «Até à morte». 4—A «Orquestra Heftis», que fez um grande successo em Lisboa, sob a direcção de madame Marguerite Heftis. A orquestra é composta de doze distintas artistas, entre as quaes m.^{lle} Cecilie Solas, que debutou este ano n'um concerto de Mellot-



Joubert em Paris, como 1.^o violino; m.^{lle} Beatrix Blum, 1.^o violoncello, que obteve o 2.^o premio do Conservatorio de Paris, sendo laureada e a mais distinta do seu curso, e m.^{lle} Adrienne Sablé, 1.^o violino, que aos 15 anos concluiu o seu curso no conservatorio de Nantes, ganhando os 1.^{os} premios. Todas as demaas são igualmente grandes artistas, o que faz com que o conjunto seja excelente.

Aspétos da guerra italo-turca



1—O lançamento d'um torpedo de bordo d'um torpedeiro Italiano. 2—O capitão de fragata Enrico Millo, que conduziu a esquadilha dos torpedeiros a Chanok, a dois quilômetros dos navios turcos, batendo-se bravamente contra a sua artilharia. 3—O balão P2 em evoluções sobre Tripoli. 4—Recolhendo o torpedo. 5 e 6—Camions Fiat, montados em pneumáticos "Jumeles Michelin" e que o exército italiano tem empregado na guerra.